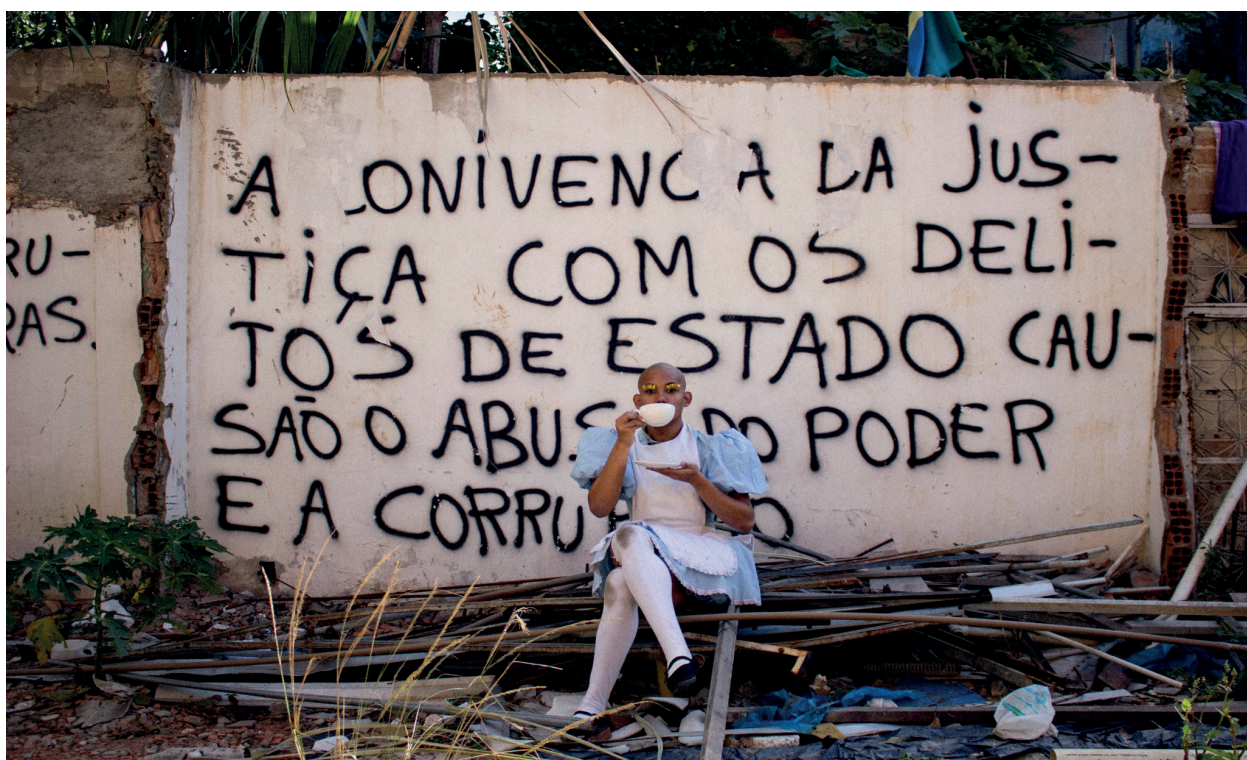


Todos os esforços foram feitos para contactar com os detentores dos direitos das imagens. Em caso de omissão, faremos todos os ajustes possíveis na primeira oportunidade. Esta é uma publicação sem fins lucrativos, e encontra-se livre de pagamentos de direito de autor no Brasil, protegida pela Lei Nº 9.610, Título III, Cap. IV, Art. 46, Inciso VIII.

©Todos os direitos e responsabilidades sobre as imagens e textos pertencem aos seus autores



Alice, foto-performance, Vila Autódromo/Rio de Janeiro, registro: Anderson Félix, 2016

## NOS RIOS PROFUNDOS DE BQUEER

Apresentar a produção de Rafael Bqueer, na Revista Arteriais, é uma demarcação de posição. Poder olhar para um artista que se forja no fluxo entre academia e vida, e que luta, a cada segundo com sua obra, com seu corpo, pelo simples direito de existir, ao nosso ver, é mais do que necessário. Com aguda percepção crítica do mundo que o cerca e que tenta profanar seus direitos, o artista transforma em impulso para resistir, mantendo o orgulho e a alegria de viver em seu rosto, em seu corpo.

Egresso do curso de Artes da Universidade Federal do Pará, Rafael Bandeira sabia o que lhe movia. Assim, em 2013, por meio de um processo de Mobilidade Estudantil, deslocou-se para a cidade do Rio de Janeiro, ampliando suas pesquisas, o que o levou a optar por pedir transferência e lá concluir seu curso. Neste percurso, o mergulho profundo com algumas matrizes da cultura forjou o artista no qual se tornou ao optar por viver na capital carioca em 2016, em que o Carnaval, a cultura popular e a LGBTQIA+, com toda uma discussão entorno de identidade de gênero, somam-se à compreensão do papel político da performance e do Afrofuturismo. Neste contexto, revela-se Rafael Bqueer.

Performances, intervenções na cidade, vídeos, fotografias são empregadas na construção de seu trabalho. A performance "Alice e o chá através do espelho" (2014) surgiria nesse encontro, em que fantasia e crítica coexistiriam na subversão de um personagem da literatura supostamente infanto-juvenil, que acende debates até hoje. A fixação de Carroll, pela infância de pequena Alice, levou-o a elaborar uma obra que nos conclama a refletir sobre os jogos complexos da alma humana.

Bqueer nos estimula a mergulhar fundo na toca do coelho. Sua Alice é homem negro, de cabeça raspada, que toma sua bebida quente olhando para a cidade distópica. Acende nosso olhar para diversas interdições imputadas ao corpo preto, em uma sociedade que insiste em cercear o direito de existir dos sujeitos e sujeitas LGBTQIA+. Se no jogo de Carroll, Alice, atravessava espelhos, corria contra o relógio pela sobrevivência em frente à uma rainha louca, nessa performance o artista para diante dos absurdos e observa com atenção. Seus vilões são outros. Vai ao grande lixão da capital paraense com seu corpo, re-assiste aos absurdos impostos por uma sociedade excludente e insiste em permanecer lutando em um país-ferida-aberta-escravocrata que despreza as diferenças dos corpos e dos sexos. Terra sem lei, em que todes devem ser curvar ao homem hetero cisgênero, Bqueer não se verga, nem se curva. Aciona seus PowerRangers bichas tropicais, performatiza em em si o direito de existência de corpos e corpas, cedendo o seu ao brado de tantes outres que coabitam em si na batida rítmica de uma aparelhagem de festas na beira do Rio Guamá. Ao lançar seu olhar para os signos da visualidade popular, com suas cores, brilhos de uma estética camp, reafirma sua dimensão crítica e política.

Se o carnaval aprofunda seu olhar sobre o país, em sua dimensão profunda de alegria triste, a cultura pop e o universo queer/cuir somam e problematizam a existência geradora de entes como frutos de um mundo em que dragões copulam com supostos heróis, sereiaszentai retorcem mitos e fetiches no calor

dos trópicos. São múltiplos universos que irrompem entre a Guanabara e a Amazônia. Nesse universo muito real, em um Brasil que está no ranking mundial dos países que mais assassina transexuais e homossexuais, em que a população preta é alvo certo, a produção de Bqueer, que pode para alguns ser uma sátira colorida e divertida, convoca todos a olhar para a profunda segregação na qual estamos mergulhados. Não conseguimos superar a lógica da escravidão.

Seus personagens zentais parecem desejar a invisibilidade, camuflam-se em móveis, permanecem quase imóveis, repousando como estátuas, mas isso não lhes cabe. O movimento é fluxo e força vital, rasga a pele, atravessa paisagens, afirma a potência da vida em sua reverberação crítica e ri, libertando criaturas. Assim é com sua intergaláctica drag-themônia Uhura Bqueer. Esta expande o lugar de sua atuação na multiplicidade de vozes e referências estético-políticas e, com isto, na mesma intensidade, olha para outras artistas, transformistas, dragqueens, travestis e mulheres trans para colocá-las lado a lado no coração da cidade grande, em cartazes que demarcam a existência e a potência, e volta, também, para dentro do museu. Da Big Apple, de New York ao Rio de Janeiro, até Belém do Pará, as imagens de ícones da cultura gay brasileira figuram na cidade em "UóHI" (2019), intervenção com lambe-lambes com imagens de Jorge Lafond, Márcia Pantera, Madame Satã e Leona Vingativa, em cores vibrantes em alusão ao pop de Warhol. No jogo de relações, Bqueer assemelha suas figuras aos ídolos cristalizados pelo artista estadunidense. No exercício de desconstrução e da réplica, na prática decolonial ativada na obra, visibiliza a singularidade e a diferença de todos os corpos e corpos.

Para o artista, o fazer artístico é um local de contínua reflexão sobre a existência e o embate pelo direito de existir, em um mundo, no qual o patriarcado neoliberal, insiste em imputar regras para todos. Apresentar este portfólio, aqui, é permanecer com a chama acesa, não deixar os tambores sem rufar, ficar atento e seguir forte pelo direito de fazer arte e lembrar de que a arte é libertadora e ela se inscreve mesmo nos regimes mais opressores, pois ela é a garantia de nossa humanidade.

Bqueer nos convida a torcer o lugar comum, estranhar e dançar na liberdade de existir. Nadar no seco, como suas sereiaszenai para resistir; criticar sem perder a alegria, pois o riso e o samba são revolucionários. E se o estranhamento deflagrado por sua produção pode provocar a incompreensão para alguns, ele é estopim genuíno para a luta de muitos outros e nos revela que as políticas dos corpos nos proporcionam o mergulhar em rios profundos e fecundos que Rafael Bqueer nos apresenta. Agora é só observar a pororoca, pois ela já chegou.

Orlando Maneschy



Alice e o chá através do espelho, foto-performance, Ananindeua/PA, registro: Paulo Evander Castro, 2014



Alice e o chá através do espelho, foto-performance, Ananindeua/PA, registro: Paulo Evander Castro, 2014



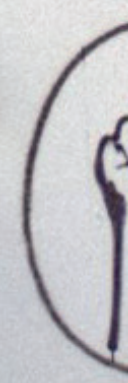


Alice e o chá através do espelho, foto-performance, Ananindeua/PA, registro: Paulo Evander Castro, 2014

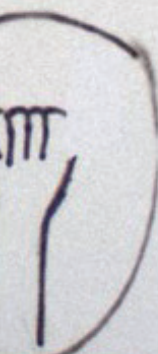


NEM TODOS  
TEM PREÇO!

A  
FO  
M  
N



MINHA CASA  
Foi FEITA PRA  
PARAR E NÃO  
NEGOCIAR!

 NÃO  
VAMOS  
DESISTIR

O ABUSO  
DO PODER  
A JUSTIÇA  
CORRUPTA



Deu Zebra, da série Safari, Linha do trem do Jacarezinho, Rio de Janeiro, registro: Lorena Pazzanese 2016



Deu Zebra, da série Jogo do bicho, Rocinha/Rio de Janeiro, registro: Lorena Pazzanese  
2016



Lenoir, performance, Leblon/Rio de Janeiro, registro: José Zepka, 2017



Lenoir, performance, Leblon/Rio de Janeiro, registro: José Zepka, 2017





Pintura neon sobre paisagem, pintura, Salvador/BA, foto: Shai Andrade, 2020





Lämpö, 1997



Tropicaos, escultura-performance, Salvador/Bahia, foto:Caio Lirio, 2020



Tropicaos, escultura-performance, Salvador/Bahia, foto:Caio Lirio, 2020



Tropicaos, escultura-performance, Salvador/Bahia, foto:Caio Lirio, 2020





Sem título, objeto-performance, Parque Lage/ Rio de Janeiro, registro: Lorena Pazzanese, 2019



Sem título, objeto-performance, Parque Lage/ Rio de Janeiro, registro: Lorena Pazzanese, 2019



Sem título, objeto-performance, Parque Lage/ Rio de Janeiro, registro: Lorena Pazzanese, 2019





Sex Ranger\_Super Zentai, foto-performance, Avenida Paulista/SP, registro: Gustavo Damas, 2017



Sex Ranger\_Super Zentai, foto-performance, Red Bull Station/SP, registro: Lost Art, com participação de Lorena Pazzanese, 2017





Picumã, performance, Grand Central / NYC (EUA), registro: Alex Korolkovas,  
participação de Flávia Barbosa  
2019





(abaixo) Uhura Bqueer, drag-performance, Nova York (EUA), registro: Alex Korolkovas, "Pride" 50 anos de comemoração da Revolta de Stonewall, 2019

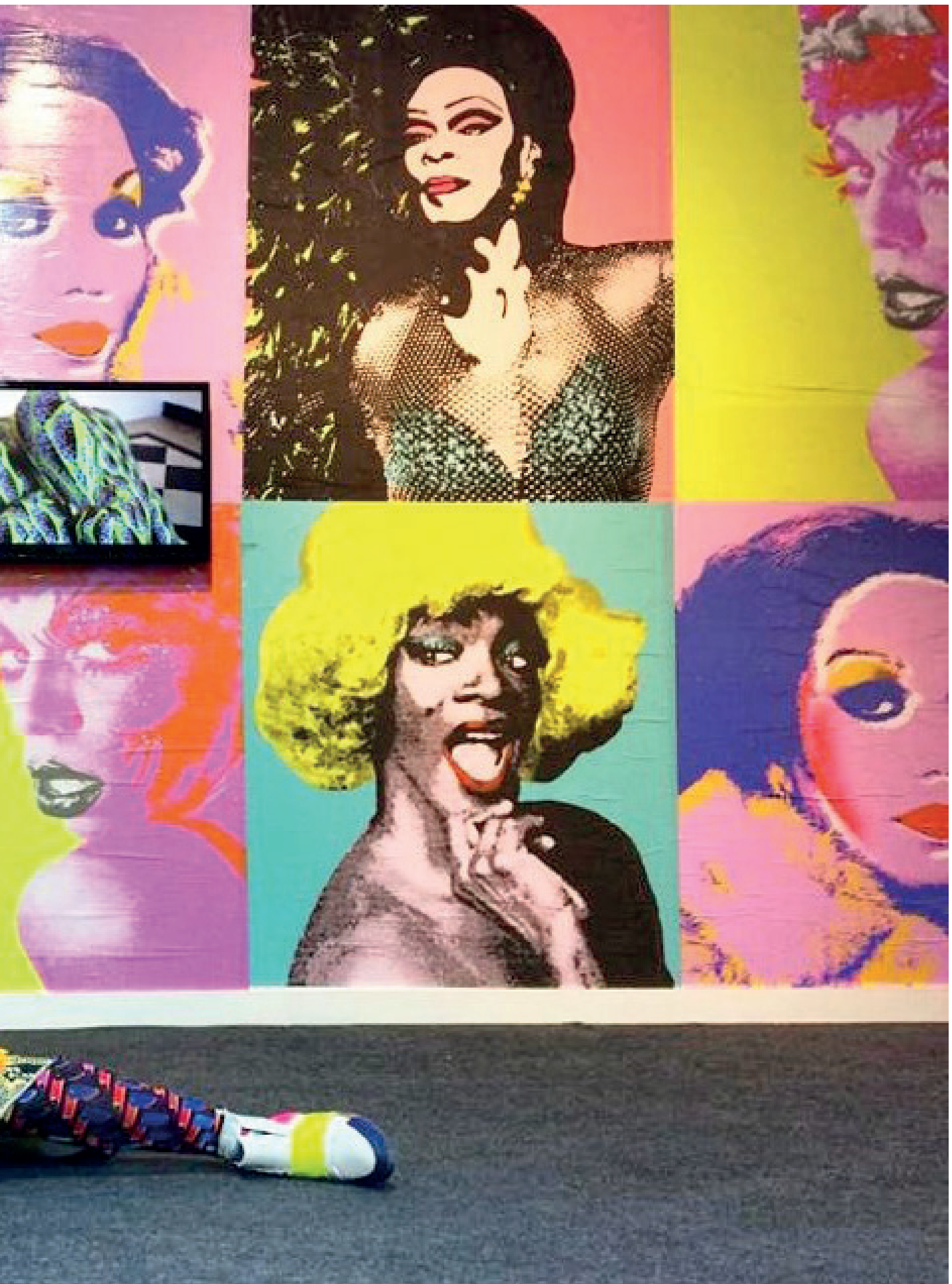




UóHol, lambe-lambe/Intervenção Urbana, Brooklyn(EUA)  
Ícones: Jorge Lafond, Marcia Pantera, Madame Satã e Leona Vingativa,  
2019







Uhura Bqueer, Artista premiada no Prêmio Foco Art Rio. Ao fundo: Cartazes da série "UóHo!", 2019



Sereia, da série Super Zentai, foto-performance, Mosqueiro/PA, registro: Allyster Fagundes, 2019



Sereia, da série Super Zentai, foto-performance, Mosqueiro/PA, registro: Allyster Fagundes, 2019



Sereia, da série Super Zentai, foto-performance, Mosqueiro/PA, registro: Allyster Fagundes, 2019



Meninos no chafariz  
1986

### **Orlando Maneschy (Texto).**

Pesquisador, artista, curador independente e crítico. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Desenvolveu estágio pós-doutoral na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. É professor na Universidade Federal do Pará, atuando na graduação e pós-graduação. Coordenador do grupo de pesquisas Bordas Diluídas (UFPA/CNPq). É articulador do Mirante - Território Móvel, uma plataforma de ação ativa que viabiliza proposições de arte. Curador da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA. Como artista tem participado de exposições e projetos no Brasil e no exterior, como: Outra Natureza, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2015; Horizonte Generoso – Uma experiência no Pará, Galeria Luciana Caravello, Rio de Janeiro, 2015; Transborda, Galeria Casa Triângulo, São Paulo, 2015; Triangulações, Pinacoteca UFAL – Maceió, CCBEU – Belém e MAM – Bahia, de set. a nov. 2014; Pororoca: A Amazônia no MAR, Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2014 etc. Recebeu, entre outros prêmios, a Bolsa Funarte de Estímulo à Produção Crítica em Artes (Programa de Bolsas 2008); o Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça / Prêmio Procultura de Estímulo às Artes Visuais 2010 da Funarte e o Prêmio Conexões Artes Visuais - MINC | Funarte | Petrobras 2012, com os quais estruturou a Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, realizando mostras, seminários, site e publicação no Projeto Amazônia, Lugar da Experiência. Realizou, as seguintes curadorias: Projeto Correspondência (plataforma de circulação via arte-postal), 2003–2008; Projeto Arte Pará 2008, 2009 e 2010; Amazônia, a arte, 2010; Contra-Pensamento Selvagem dentro de Caos e Efeito, com Paulo Herkenhoff, Clarissa Diniz e Cayo Honorato, 2011; Projeto Amazônia, Lugar da Experiência, 2012, dentre outras.

### **Rafael Bqueer (Portfólio).**

Rafael Bqueer (1992) é artista visual paraense. desde 2013 realiza trabalhos com performance vídeo e fotografia. Em sua pesquisa investiga questões sobre gênero, sexualidade, ficção e decolonialidade. Já participou de exposições nacionais e internacionais, destacando a individual UóHol no Museu de Arte do Rio e o Salão Arte Pará 2019. Recentemente foi contemplado com a bolsa de fotografia da revista Zum do Instituto Moreira Salles, para a realização de seu primeiro filme. Seus trabalhos fazem parte dos acervos do Museu de Arte Moderna e Museu de Arte do Rio.